

QUINTA-FEIRA
Lisboa--4 de Fevereiro de 1932

5 TOSTÕES

6.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

258



sempre **fiel** semanário humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

MA'SCARAS



O Dr. Oliveira Salazar de LUIS XIV



O Dr. José de Figueiredo de S. VICENTE



O Dr. Leite de Vasconcelos de HOMEM PREHISTORICO



O Dr. Julio Dantas de SEVERA



D. Antonio Alvito, de VENUS DE MILO



O Sr. Quirino de Fonseca de MARQUES DE TOMBAL



O Sr. José Farreira de MERCURIO (& ALCOOL)



O Sr. José Farreira de MERCURIO (& ALCOOL)

Alguns disfarces permitidos p elo edital do Sr. Governador Civil.



Os ditos da semana



Carnaval Leitor amigo, tu que tens uma autentica e completa cara de burocrata, que és um perfeito idealista e um grandecissimo besbilhoteiro, com certeza que meteste o nariz em todos os bailaricos, assim como costumavas andar a metelo nos curiosos acontecimentos que se dão.

Assim, tu que és um estupendo espirito critico, deves evidentemente ter-te rido com o grotesco, com a peiintrice de tanta gente que andou para ai a presumir de gente rica mas que tinha as fraldas bordadas a capricho, com mercerizados algodões de pataco.

E tu mesmo, leitor, que és um pobre diabo, e um barra para fingir o que não és podias ter-te rido de ti proprio.

Nas ruas dá vontade de cavalhar.

Ha creanças que parecem abortos: e vão fazendo chiada, enquanto comem a caça do nariz e matulões inverosímeis, vestidos de mulher, que estão a pedir um grande e rijo pontapé no cururo da cabeça.

Quem lhes desse nas ventas com um grande e cheiroso peixe podre! Sim! E quem os engavetasse! E quem os matasse! Ah! porcalhões dum povo.

77

Enfant terrible Ha dias a D. Filomena teve uma dor de barriga muito forte. A principio julgou que o caso se resolvia indo la dentro e pondo tudo cá fóra. Foi, mas foi em vão. A dor continuava cada vez com mais violencia. O marido, que é uma pessoa plácida, imaginou que andando com panos quentes no local do sinistro, aliviaria a esposa, mas apesar dos panos ela não aliviava, o que fez com que o marido se deixasse tomar de pânico e mandasse chamar uma medica.

Entretanto foram applicando a medicina caseira: uma colher de azeite, algumas ameixas cozidas e varios clisteres. Os clisteres principalmente eram o recurso mais uzado, além de que D. Filomena fazia os mais heroicos esforços para ajudar a terapeutica.

Tudo debalde, porque não havia nada para o balde.

A dor continuava e continuava D. Filomena as suas applicações, enquanto a medica

não vinha. E a medica demorava-se.

A certa altura bateram á porta: E' ela, pensaram todos.

Em vão. Era o homem da Companhia das Aguas que tinha sido chamado ha dias tambem para desintupir a canalisação. O marido de D. Filomena ainda teve a ideia de mandar dar um tiro na canalisação da esposa, mas atendendo aos seus sofrimentos de coração, a ideia foi posta de parte, por demasiadamente violenta. Ela que se fosse arranjando com os remedios caseiros até vir a medica, o que só aconteceu no dia seguinte pela manhã cedo.

Mandaram-na entrar para a sala e veiu o marido e um meudo de trez anos.

— Desculpe, sr.^a doutora, mas minha mulher ainda está fazendo a sua *toilette* e

umas applicações... V. Ex.^a compreende...

— Está muito bem; não causa transtorno algum. Entretanto vou aqui ao lado ver uma cliente e volto já.

Que não, obtemperou o marido, que aquilo não demorava nada. E, virando-se para o petiz acrescentou:

— Vai dizer á mamã que não se demore, que a sr. doutora já cá está.

O garoto saiu a correr enquanto a medica insistia em ir vêr a outra doente.

Quando o meudo voltou, a medica insistia ainda:

— Sua esposa naturalmente demora-se e eu vou aqui ao lado num instante.

O pequeno ouviu aquilo, abriu muito os olhitos esperetos e interveio:

— Não demóra nada. Ela já está metendo gazolina...

Cruz e Souza Não recebemos nesta semana nenhum tango, nenhuma canção, tado, maxixe ou marcha, nenhuma musica entim, do maestro Cruz e Souza, o que é de estranhar. A ultima coisa que dele recebemos foi um bilhete de boas festas acompanhado de outro, já estampilhado, para o «agradeço e retribuio» do estilo, porque Cruz e Souza, não pode levar á paciencia que não correspondam ás suas saudações. Por sinal que o postal nos apresentava um Cruz e Souza ás riscas, pintado de zarcão e pimentos morrones, que era uma coisa de abrir o apetite. Aconteceu nos com o retrato exactamente o mesmo que costuma acontecer-nos com certos sabonetes: apetece dar-lhes uma dentadinha.

Quanto a musicas, esta semana, nada. Estará doente o Cruz e Souza? Estará neurastenico? Ou desta vez, vamos ter opera? Isso é que era obra.

Uma mascara mundana



CARLOS DE VASCONCELOS E SA, cronista mundano, com a sua soberba mascara de todos os dias

Achado arqueologico Descobriu-se, na rua da Trindade, uma galeria subterranea. Diz-se que ligava dois conventos.

Quem dera percorre-la toda, reviver o passado, reconstituir a historia antiga.

Quanto nós dariamos para entrar por um lado, num convento, e ir sair do lado oposto n'outro convento. Se nos deixassem, davamos conta do recadõ. Era só entrar de cá com um coto na mão e temos a certeza que haviamos de ir dar á abertura, tal qual como os frades.

sempre
fixe

Expediente Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas á razão de:

Continente e ilhas...	{ Ano: 26\$00
	{ Semestre: 13\$00
	{ Trimestre: 6\$50
Colonias portuguesas...	{ Semestre: 15\$00
	{ Ano: 30\$00
Estrangeiro,.....	{ Ano: 34\$00

N. B. — O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor inteligente percebe logo que as mesmas são pagas adiantadamente.

Anuncios Isto agora, é, por tabela.

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

NO passado domingo realizou-se, como estava anunciado, a *matinée* de homenagem à memória do magro maestro Aives Coelho.

O programa foi religiosamente cumprido.

Mas houve certo artista que, como de costume, não apareceu. Esperamos que, para outra vez, seja mais pontual.

■■■

O *Diário da Manhã* referiu-se, na sua secção «Paino de ferro», a um caso de proibição artística.

Foi o caso que um artista, muito honestamente, recusou-se a ensaiar determinado papel numa peça que deveria ir à cena apenas com cinco dias de ensaios.

Casos como este, de proibição artística, são hoje raríssimos infelizmente e agora compreendemos porque motivos assistimos, às vezes, à representação de peças em que se ouve mais o ponto que o artista.

E, depois, os senhores empresários queixam-se de que o público não vai aos teatros, e são eles, no fim, os únicos culpados.

■■■

VEM aí o Carnaval!

Antigamente o Carnaval era a tábua de salvação das companhias em más condições monetárias.

Hoje...

Que novidades teatrais nos tra-

rará ele este ano?

Uma ou duas companhias dissolvidas, e pouco mais...

■■■

O teatro Capitolio está em plena *Lua de Mel*.

Que ela seja duradoira e que os amantes sejam felizes...

■■■

DURANTE o Carnaval, a companhia Eva Stachino trabalhará no teatro Avenida.

A boa filha à casa torna...

■■■

NO Trindade continua em grande êxito *O Aldrabão*.

Mal diria o empresário um homem sério em todos os seus negócios, que para ganhar dinheiro tinha que se meter com *O Aldrabão*.

■■■

ANUNCIA-SE para breve uma nova revista — *Terra de Ninguém*. De ninguém, não! Pelo menos, é dos autores.

■■■

PIM! Pam! Pum! — assim se intitula a nova revista do Maria Victoria.

Apesar de tudo, os bonecos do Pim! Pam! Pum! não caíram; estão em pé que é um louvar a Deus!

A actriz Ester Leão deu, no palco do Gimnasio, uma queda sem consequências graves.

Ela é das que nunca caem, nem mesmo quando os outros lhe deitam cascas de laranja no seu caminho...

■■■

ESTREOU-SE, no Gimnasio, a revista carnavalesca *O Rei dos Borlistas*.

Os que o são, de facto, não tem nada que aprender!

Ha muitos por cá! Em Buenos Aires, as *borlas* chamam-se *portugueses*. Já lá chegou a nossa fama!

■■■

VEM aí uma cançonetista espanhola que se chama *Maravilhas*.

Já a vimos, na capa do *Noticias Ilustrado*, como Eva no Paraizo.

Não ha duvida. O adjectivo é um bom substantivo. Deites de se tirar o chapéu!...

■■■

DIZ a Republica:

«No elenco da companhia que o empresário Lopo Lauer está organizando para levar ao Brasil figuram alguns artistas já com o seu nome firmado em teatro de Lisboa, mas completamente desconhecidos do publico brasileiro e que são, por esse motivo, uma atracção.»

É's o que se chama de *longo*. Mesmo muito longo...

■■■

O Nacional vai reabrir, no Carnaval, as suas portas.

No palco funcionará uma baraca de fantoches.

Espectaculos destes, antigamente, só na feira de Alcantara!...

■■■

É' preciso morrer! — é o título do novo original de Vasco Matos Sequeira.

Mas que título! agora que toda a gente diz precisamente o contrario!...

■■■

PARECE que o empresário Armando de Vasconcelos sempre consegue formar uma companhia de opereta.

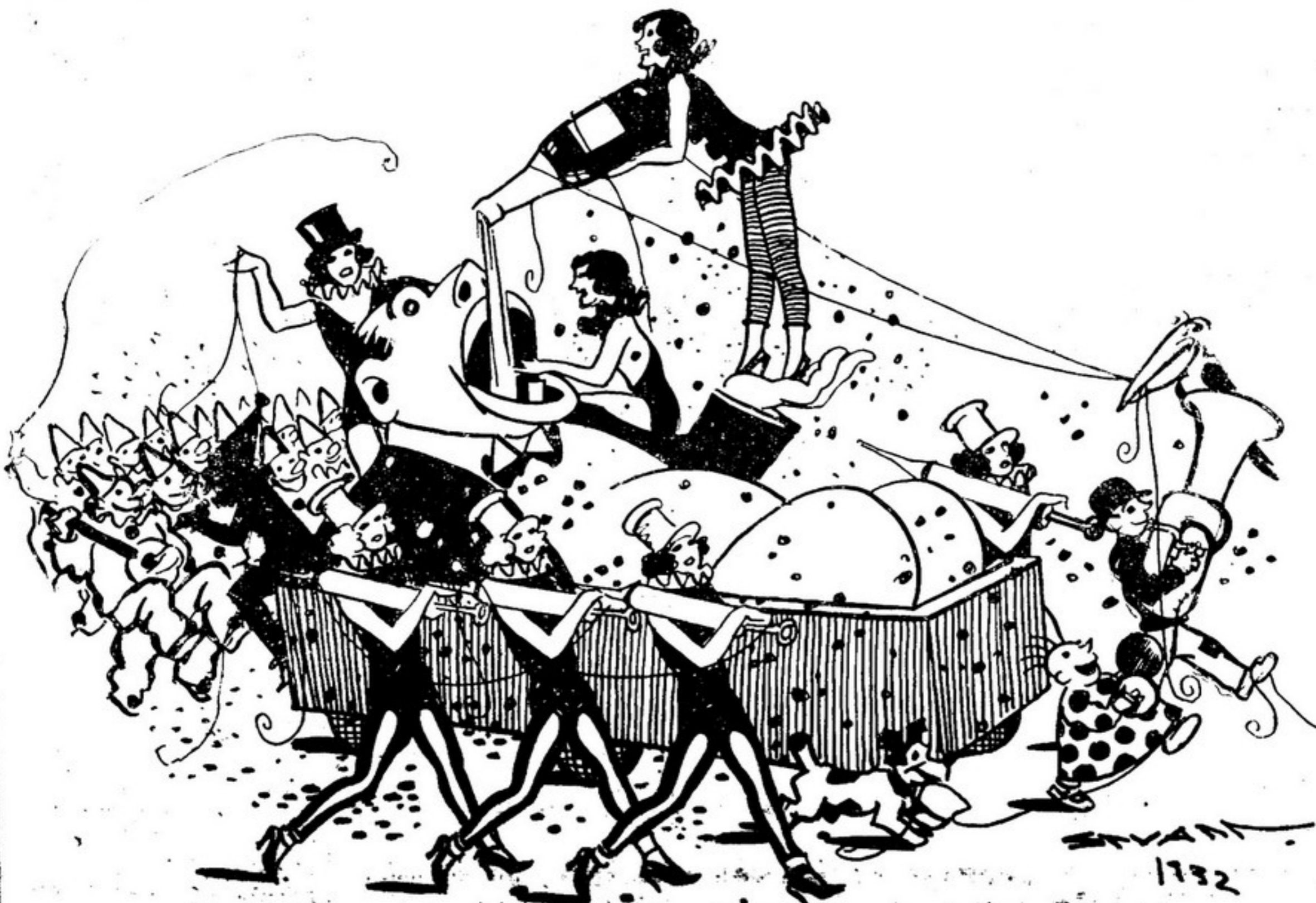
Que seja de chupeta! — é o nosso maior desejo. Estamos mortinhos. Armando, da boa musica nacional...

■■■

ERICO Braga realiza brevemente a sua festa artistica, no Trindade, com a *premiere* duma peça francesa.

Consta-nos que o nosso simpatico, ERICO Braga fará o papel de calvo... ao natural!

O HOMEM DE TODAS AS HORAS



Não ha orise, nem chômage, nem miseria. Não ha nada, nem mesmo Carnaval.

A retalho

A cena passa-se no vagão-restaurante do rápido do Porto. Abancados às mesas, entre outros passageiros, uns 15 jornalistas, que regressavam de uma bela passeata. De repente, a meio da 2.ª serie, catrapuz, desapareceu a luz, por qualquer ligeira avaria na geradora. Os criados, solícitos, trazem velas metidas em gargalos de garrafas de todos os tamanhos e feitios.

Um dos jornalistas, para os seus colegas:

— O' companheiros, isto até parece um comboio... à vela

* * *

Sob o título «Salvé dia 7-1-932», publicou um jornal do Porto o seguinte curioso anúncio:

«Deabrecha hoje mais um cravo vermelho do já florido vazo da existência da exm.ª sr.ª D. Carolina Moreira, pelo que lhe envia as pétalas do seu reconhecimento de há 45 anos e os seus sinceros parabéns»

Manoel Ferreira»

* * *

Na redacção dum jornal da capital pouco humorístico:

Os redactores trocam impressões sobre mulheres. Uns dizem gostar das mulheres dos 18 aos 25 anos; outros, das 25 aos 30, e assim sucessivamente.

Um nosso colega, dando a sua opinião:

— Pois eu, só para vos contrariar, gosto das mulheres da... idade média!

* * *

Varios cumulos:
Da escuridão: dois pretos a jogarem e bar a meio do tunel do Rossio.

Da rapidez: aparecer construída, de um dia para o outro, a dependência norte sobre o Tejo.

Da velocidade: o comboio do norte chegar a S. Bento ou ao Rossio à hora da tabela.

Da honradez: pedir dinheiro emprestado, a alguém e satisfazer a dívida no prazo marcado.

Da delicadeza: beijar os calos a um passageiro e pedir-lhe desculpa.

Da inocuidade infar'il: um caçador atira dois tiros a um coelho, que foge mais rapido que um cóxo. Um rapazito, correndo a fraz do coelho, grita: «Avarra, que é ladrão! Roubou dois tiros a'quele senhor!»

Da lealdade: certos desafios de foot-ball, com sopapos, pontapés, palavrões, etc.

Da demora: a saída do anunciado jornal da tarde Hoje, que deve sair amanhã.

Da superioridade fisica: o pesado Jose Santa (Camarão) vencer, nos pontos, por pequena diferença, o leve «Francis»!



Judeus:

— O teu filho deu uma grande tarefa no Sebastião...

— Eu bem digo que esse filho ha de ser a minha desgraça... Até já se acostumou a dar!...



— De que te mascarás para o baile? Alfredo?
— De apache.
— Então escusas de mudar de fato e de cara.

RENDAS "EN NATURE"

Lili era uma rapariga desembaraçada. Não tinha receio de encontrar dificuldades na vida, porque a sua vivacidade, junta à sua presença de espirito, permitiam-lhe sair-se airoso de passos difficeis onde outras raparigas da sua idade ou marcavam passo eternamente, ou para sempre se atolavam. Só duma vez ela se deixou enganar, tinha 17 anos, e desse enganar nasceu-lhe uma creança, que o pai não quiz reconhecer e que Lili acabou por entregar à avó materna — que assim foi, verdadeiramente, duas vezes mãe.

Nessa altura, Lili deixou a provincia para se instalar em Lisboa. Sabia o suficiente, aos vinte anos incompletos, para se governar sózinha na existência, e, além disso, vendo-se ao espelho, não teve dificuldade alguma em reconhecer que os homens não deixariam de a olhar com interesse — com desejo. Não era ela alta e bem feita? Não tinha ela dois olhos carregados de peccado, negros e brilhantes? Não baloiçava ela as ancas, caminhando de maneira quasi a quebrar-se pela cintura? Com effeito, ao passar pelo Chiado ou pela rua do Ouro, bem calçada, bem vestida, bem perfumada e bem pintada, Lili despertava as atenções de todos os homens que a cruzavam; e se mais vezes ela não arranjava, nesses passeios pela Baixa, quem lhe fizesse companhia, era porque Lili tinha as suas exigencias e as suas aspirações. Creara certos habitos de luxo, e difficilmente podia já tugar-lhes.

Emfim, Lili não vivia mal; mas poderia viver melhor; ainda se não fôsse a perdulária que e.a. O dinheiro, nas suas mãos, escoava-se como agua por entre os dedos de uma creança. De tal arte que, no fim de cada mês, ao chegar à altura de pagar a renda da casa, Lili via-se sempre embaraçada. A casa onde ella vivia era cara, visto que noblesse oblige...

Um dia, porém, Lili achou uma solução comoda para o problema da renda. Porque não pagaria a casa en nature? O senhorio era um bom velhote, baboso e celibatario, e quando Lili lhe appareceu a faser semelhante proposta, experimentou, gostou — e acellou sem mais delongas. Do pensamen-

to de Lili desapareceu, pois, uma preocupação capital: a casa estava garantida.

Tão bem Lili se dava com o sistema do pagamento en nature, que não hesitava em aconselhá-lo a todas as suas amigas, sempre que as via embaraçadas com a renda da casa.

— Façam vós como eu, Meia hora que passo em cada mês com o meu «ginja» e não se pensa mais nisso! E não me fatiga, como vém...

De facto, quando voltava de casa do senhorio, Lili parecia que vinha cada vez mais nova. Os esplendores do seu corpo juvenil pareciam que remocavam com a visita mensal ao senhorio. Mas as suas amigas não estavam dispostas a seguir-lhe o exemplo, ou porque nem todos os seus senhorios fossem velhotes como o de Lili, ou porque puzessem alto de mais a sua virtude. Uma delas, por acaso, em vez de senhorio, tinha uma senhoria; e de cada vez que Lili falava no assunto, tinha a resposta na ponta da lingua:

— Livra!
Ora, aconteceu um dia que o senhorio de Lili morreu. A casa mudou de dono, mas ella não sabia ainda quem succederia ao velhote, quem seria o futuro beneficiario da renda en nature. Lili começou a andar preocupada com o caso; enquanto se tratava do velhote, a coisa corraera sempre bem, mas, se em vez dum outro velhote, lhe apparecia um mocetão?

... Algumas noites depois, Lili entrou no seu club habitual, pallida, olheirenta, exangue, arrastando-se mais do que caminhando, e dando ás suas amigas a impressão de que acabava de ser desenterrada...

— Então, que tal, esse novo senhorio? — perguntaram-lhe todas á uma.

E Lili respondeu, deixando-se cair sobre um mapple, mais morta do que viva:

— Deixem-me cá! O meu senhorio, agora, é uma sociedade anonima, e o conselho de administração tem nada menos de 22 membros!

Adaptado do francês por

MYSELF.

Graça dos outros

Flirt:

Ela: — E' inutil ocultar-me qualquer coisa! Léo no seu pensamento!

Ele: — Péssima leitura para uma menina solteira!...

* * *

O medico: — Deve deixar de beber!

O cliente: — Sou abstemio!

O medico: — Então deve deixar de fumar!

O cliente: — Não fumo!

O medico: — Então vá consultar m. especialista!

* * *

O marido: — O que estás tu a dizer?

Ela, vendo-se ao espelho: — Se eu fosse homem e tivesse uma mulher tão bonita, dava-lhe muitos presentes!...

* * *

Entre quarentonas:

— Ha vinte anos que venho a este bosque e nunca encontrei um satiro!

— Má sorte!

* * *

Entre amigos:

— As tuas gravatas são lindissimas! Custam-te muito caras?

— Quando as compra minha mulher, sim!...

* * *

O futuro sogro: — Como gosto de si, resolvei dotar minha filha com tresentos contos! Mas, antes, quero saber alguns pormenores da sua vida!

O futuro genro: — Não vale a pena! Contento-me com cento e cincoenta contos!...

* * *

No comboio, ele fuma, ella dá mostras de impaciencia:

— Diga-me, cavalheiro, estou numa carruagem de segunda classe?

— Sim, minha senhora!

— Ainda bem! Com este fumo, julgava que tinha entrado para a maquina!...

* * *

No atelier do pintor:

Ela: — Decididamente, não compreendo a sua arte! Pintou-me só um olho!

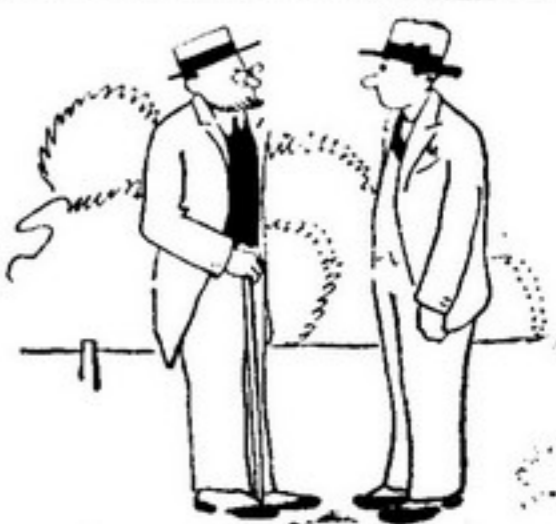
Ele: — Mas you pintar-lhe dois narizes!...

* * *

Entre amigas:

Joana: — Tu necessitas ser bem aconselhada! Queres o conselho de uma mulher honrada?

Matilde: — Quem é essa mulher?...



— O senhor pode empregar o meu rapaz no seu escritorio?

— E o que sabe ele fazer?

— Olha que ideia! Se ele soubesse alguma coisa, empregava-o no meu escritorio, para me ajudar...

Elevador da Gloria

O oficial: — Soldado Antunes! Você, ontem, faltou mais uma vez á chamada. Agora é castigado com reincidência!

O soldado: — Com reincidência? Mas eu nunca a vi! A minha "amorada chama-se Francisca!...

Outra, de quartel:

O instrutor: — Então tu não sabes qual é a minha patente? Vamos: qual é o posto mais alto do regimento?

O soldado: — Coronel!

O instrutor: — Perfeitamente! E quem está abaixo dele?

O soldado: — Abaixo dele... é a montada!

A mulher: — Dá-me um conselho!

O marido: — Um conselho? Com muito gosto!

A mulher: — Que devo pedir-te: um automovel ou um colar de perolas?...

Ela: — Esta semana é a terceira vez que te ponho uns fundilhos nas calças. Devias ser como Gandhi: andar apenas com uma túnica!

Ele: — De acôrdo! Mas com uma condição: estares calada todas as segundas-feiras, como ele!...

Noivos:

Ela: — É verdade, Fernando, que só gostas de mim?

Ele: — Absolutamente! Quando nos casarmos fecharéi a porta de casa a tua mãe!...

A mesa:

A dona de casa: — O senhor gosta de trabalhar?

O convidado: — Muito! Sobretudo á mesa!...

Entre amigas:

— O teu marido deixou crescer o bigode?

— Não!

— Noto que ele está mudado!

— Não; o meu marido é que mudou!...

O policia: — Se você diz que não pede esmola, o que está aí fazendo com o chapéu estendido aos que passam?

O outro: — Como sou musico ambulante, estou arranjando dinheiro para comprar uma viola!

CARNAVAL



— Larga o rabo!

Uma lição de Doutrina

O sr. abade estava já muito entrado em idade. Dizia a sua missa, fazia os enterros e baptizados e... pronto.

Ora, desta maneira, o povo andava descontente e forçoso foi que o sr. Morgado, o Zé da Loja, o Procurador da Brasileira e outros graúdos fizessem com que os missionarios que, de tempos a tempos, vinham prégar ás aldeias vizinhas, viessem áquella, não só ajudar ao Confesso na quaresma, mas também ensinar a doutrina aos pequenos que, pelo desleixo e incuria do sr. prior, nem o «Padre Nosso» sabiam.

Um tal estado de coisas não podia continuar e, não obstante a má vontade do abade, que sempre embirrou com a entrada de outros padres na sua igreja, os missionarios vieram, e todas as noites mulheres e homens corriam a ouvi-los.

Fez-se uma relação das creanças que deviam começar a aprender o catecismo e, ás duas da tarde, Frei Beldomero, de cana em punho para manter a disciplina, fazia dizer e repetir muitas vezes o «Padre Nosso», o «Acto de Contrição», o «Credo», etc.

Os pequenos iam aprendendo e o povo andava tão satisfeito que os ovos, frangos, chouriços e outros mimos acudiam com frequência á casa onde os missionarios se tinham instalado.

Dentro da igreja e durante muito tempo, a entrada das familias das creanças foi vedada, pois só quando elas soubessem alguma coisa que se pudessem ouvir, as portas então se abriam de par em par para todos.

Já as «Virtudes Teologais», os «Inimigos da alma», as «Obras de Misericórdia», etc., eram papagueados de fio a pavio, e assim Frei Beldomero julgou azado o momento de, á margem do catecismo, ir propondo pequeninas questões, que por parte de algumas creanças eram resolvidas.

— Que é ser cristão? Porque devemos amar a Deus? Os pecados esquecidos não serão perdoados?

As respostas iam aparecendo e, num domingo, á missa das almas, Frei Beldomero disse estar muito satisfeito com a petizada e que já nesse dia poderiam ir, pais, mães, parentes e toda a gente em fim ouvir a catequese.

Pelas duas horas já mal se cabia na igreja e dentro em pouco tudo estava maravilhado com a sabedoria aprendida.

Ja tudo correndo tão bem que Frei Beldomero, esgotada a materia da doutrina, começou com perguntas, a que as creanças iam respondendo mas a que muitos dos prentes não teriam volta a dar.

Tudo estava maravilhado e Frei Beldomero continuava:

— Para que nos devemos benzer? Porque somos apóstolicos romanos?

Tudo era respondido e bem acabaria aquella prova de sabedoria se Frei Beldomero se desse por satisfeito. Assim não foi. As perguntas continuaram e, á ultima, má foi a resposta:

— Que fazemos quando nos levantamos pela manhã?

Ninguém respondia. Frei Beldomero, já zangado, ia pedindo aos mais velhos uma resposta. Estes calavam-se e o padre dizia ter muitas vezes ensinado aquillo.

Reparou o padre que uma das pequenas, das mais miudinhas, sentada lá muito atraz, porque era das mais atrazadas, se mexia continuamente na cadeira, querendo levantar-se, muito risonha e em fim com cara de quem sabia e ansiosa estava por ser perguntada.

— Ora, para vergonha dos mais velhos, vão ouvir a resposta da boca duma menina, das que, pela sua pouca idade, menos deviam saber.

E, voltando-se para a tal pequena, disse:

— Ora diz lá, minha menina: — «Que é que fazemos quando nos levantamos pela manhã?»

A garota, de pé, muito orgulhosa pela figura que ia fazer e sob a admiração de todos, respondeu muito desembaraçada:

— Mijamos!

ARIM.

R. I. P.



— Como e onde acaba o Carnaval.

O "32"

Os esposos Fagundes eram um casal daqueles doutro tempo. Deitavam-se e levantavam-se cedo e ele raras vezes saía depois de jantar, entretendo-se a lêr ou a jogar a bisca lambida com a cara consorte.

Tinham eles uma criada, a Encarnação, que era a encarnação personificada da tentação.

No dia 31 de dezembro, depois do jantar, madame Fagundes chamou a criada e, dando-lhe um lindo par de meias palmilhadas, disse-lhe:

— Tome, Encarnação, esta pequena lembrança e desejo-lhe de todo o coração que o 32 seja para si a realização de todos os seus desejos e que consiga fazer a sua felicidade.

A Encarnação embatucou.

— Como é — perguntava ela a si mesma — que a senhora soube do «32», se eu tenho guardado segredo e ele só quando está de licença é que cá vem?

Sem compreender muito bem, agradeceu e foi para a cosinha.

Entretanto, o Fagundes, tendo-se levantado, disse, voltando-se para a mulher:

— Sabes uma coisa? Estou com vontade de ver entrar o 32, e está resolvido: vou esperá-lo para o meio da rua; quero provar-lhe que ainda sou homem para lhe resistir.

E, pegando no chapéu e na bengala, agitava esta per cima da cabeça, como se quizesse receber o ano novo á bengalada.

Quando ia para sair, depois de ter beijado a cara metade, reparou na Encarnação, que, junto á porta, de mãos postas e lagrimas nos olhos, lhe implorava que não fôsse.

Fagundes, no auge da admiração, perguntou-lhe:

— Mas que é que tens, rapariga?

— Ah, meu senhor — exclamou então a criada — não faça isso ao pobre rapaz. Ele não tem culpa nenhuma, coitadinho...

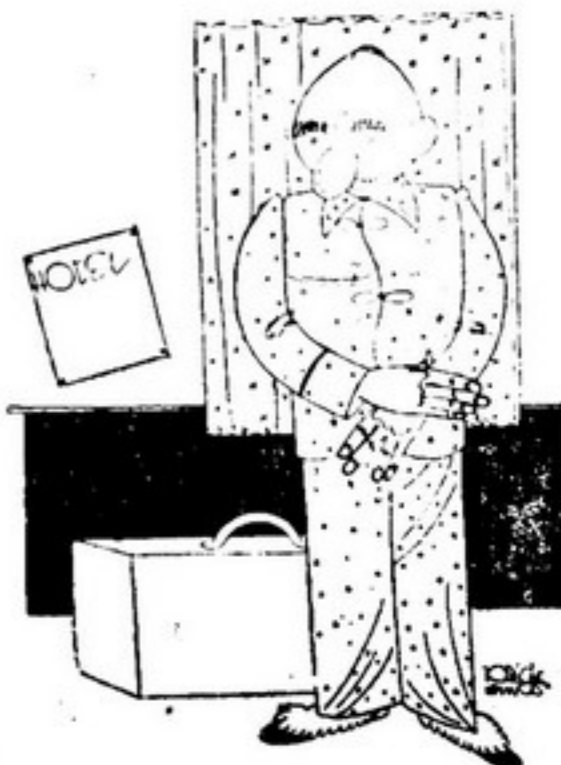
— Mas qual rapaz? — perguntou por seu turno madame Fagundes.

— O 32, minha senhora, o meu namorado, porque eu juro-lhe que ele só uma vez é que cá entrou, tinham os senhores ido para o teatro, e nunca mais cá volta.

Escusado será dizer que o Fagundes já não saiu e que a Encarnação foi despedida.

E já no quarto, em camisa, madame Fagundes ria com tanto gosto, em tão grandes gargalhadas, que as pulgas, confundindo aquelle som com o das trompas anunciando o inicio da caça, fugiam á boa fugir...

NABICO.



O hospede, depois de dar duas voltas ao quarto: — Ora está! Sãos horas, e o criado ainda me não veio acordar. Querem ver que me faz perder o comboio!...



— O que estás a pensar, Alfredo?
— Estou a pensar que li no jornal, no boletim meteorológico, bom tempo, mas parece-me que será melhor ir buscar o chapéu de chuva...

Cacharolete

«E recentemente, acompanhando Herriot numa tournée de conferencias em França e na Belgica, com concertos de piano».

(Do Diario de Lisboa).

Madeleine Valmalette, joven pianista francesa, visitou, mais uma vez, a capital portuguesa.

Cantou Lisboa, o Estoril, e, em melodioso franciu, relatou a sua vida, um pouco *passé-partout*.

A distinta pianista, que está em Portugal só, contou a sua *tournée* com o politico Herriot.

Enquanto o grande estadia arrebatava a falar, Madeleine Valmalette tocava Schumann, Moz...

Não vejo contradicção neste *duo* original. Pois o que ofereciam ambos, são *música celestial*?

HOMEM DOS TIMBALES.

Aquele olho

Com grude e com a ajuda da moleca, Tentava a triste Anita, soluçando, Entre os dentes nervosa segurando O olho, curar a pobre da boneca.

Dê-me um fasso de tã... em a bréca! Saltou-lhe para a guela, soluçando E for-se, embatida, atravessando No extremo oposto o raso da alforreca.

Vem um cirurgião em salvatério: Creue-lhe brandamente o fraldelino, Puxa pra cada lado um hemisfério.

E clama, dando um salto: — «Coisa assim! É esta a vez primeira que pra mim Vejo o tal olho a olhar, assim, tão sério!»

Macacopeia

Depois de ter comido a merendola, Estendeu-se Anastácio na bancada, A filha, mal dos dentes, torturada, Val gemendo encostada à portinhola.

Entre, numa estação, um banazela Que lhe diz, vendo-a assim tão magoadá: — «Dum remédio sei eu ao qual é nada A dor de dentes... Cima e ate consola!»

«O remédio tem remédio pra' meu mal? Por Deus diga qual! Oh, diga! Qual!» — «Pr' bojo dado mesmo na batinha!»

Essa o pai, rebolando-se: — «O Laurinha, Deixa-o falar, eu sei que essa mesquinha Faz efeitos mas e no hemisfério!»

Um par de meias

Feitas na maquina p'la mulher, A gracil e volúvel Micaela, Vendeu lá na loja de capela Meias de fina malha o Xavier.

Poutra um peralvillo que interpela: — «De malha ainda mais fina...» — insiste e quer.

Desconfia porém o no mister Que a casa teira. E então, sem mais aquilo,

Ridente pela astucia de raposa, Puxa dum par de chifres de respeito E diz, pra que o freguês embuche e cósia:

— «Aqui tem. Quere serviço mais bem feito? Volve o p'ralta: — «Estas, sim, não, têm defeito. Que bem trabalha nisto sua esposa...»

IGNOTUS

Sortes grandes?

só o PINA as vende

75 — Rua de S. Paulo — 77



— Agora só tem bilhete para a sessão das 10 e 1/2.
— A essa hora tenho eu espectáculo em casa!

O PASSA-FOME

Terra em terra, monte em monte, estrada em estrada, o desgraçado *Passa-fome* palmilhava, em busca dum bocado de pão, com que mitigar a fome, a fome que o atormentava havia já bastantes dias.

Mas todas as portas se fechavam, porque a fome é tanta que o auxilio não chega a todos.

E o desgraçado do *Passa-fome*, sem poder andar quasi, lá se vai arrastando, em busca dum osso miúdo e já muito roído.

Terra em terra, ele aí vai. Até que, no alto duma serra, *Passa-fome* lobrigou uma casita de bom aspecto, alegre na sua apparencia e que certamente era habitada.

Para lá dirigiu os seus passos o nosso *Passa-fome*, na certeza quasi de que ali haveria almas caridosas que lhe dessem de comer. E, nessa esperança, *Passa-fome*, fazendo das fraquezas forças, trepou serra acima, o mais depressa que podia, para alcançar o predio-lhe.

Cai aqui, levanta acia, assim foi subindo, pois já quasi se não podia suster nas pernas. Ao fim de muitas horas, mesmo muitas horas, *Passa-fome* alcançou o alto da serra. Doido de alegria, num arranco ainda, heroico quasi, enfiou pela casa dentro, pedindo, suplicando, ordenando até que lhe dessem de comer.

A desillusão que *Passa-fome* sofreu não se descreve. O golpe foi tão grande, tão profundo, que até quasi lhe fez passar a fome que trazia.

A casita, apesar da sua apparencia alegre, saudavel, albergava mulher, marido e sete filhos. Mas — horror — todos eles, quando *Passa-fome* entrou, estavam estendidos pelo chão, sem forças, gemendo, gritando, uivando.

O quadro era horrivel e todos eles tambem, esse lote de desgraçados, estavam cheios de fome. Havia já alguns dias que não comiam e, quando *Passa-fome* supplicou que lhe dessem um pouco de pão, a resposta, séca, brutal, foi um não gelado, aterrorizado.

Passa-fome ficou pregado no chão. Comoveu-se daquela negra miséria e, vendo que ali não fazia nada, saiu, arripiado com aquele quadro negro, e voltou de novo, serra abaixo, com mais fome ainda, porque aquele quadro tinha-lhe aberto mais ainda o apetite.

Vinhe o *Passa-fome* quasi no sopé da serra, descendo e pensando qual o melhor sitio onde deveria ir cair morto, quando atraz dele sentiu passos apressados. Voltou-se e viu um dos miúdos que estava no casebre, fazendo-lhe sinal com a mão, a chamá-lo.

Passa-fome parou e, intrigado, esperou que o petit se aproximasse. Muito tempo depois, chegou o garoto, exausto, cansado pela carreira e quasi sem forças para falar, titubeando:

— Meu pai manda perguntar, como o senhor, coitado, está com muita fome, se lhe chegou, para amparar o estomago, uns dois ovos com chouriço, pão e um copito de vinho.

Os olhos do *Passa-fome* brilharam de contente. Uma nova alma penetrou-lhe no corpo e, radiante, gritou:

— Sim, serve-me. Isso já me chega; é o suficiente...

E o garoto, rapido, respondeu-lhe logo:

— Pois o meu pai manda dizer que tem muita pena, mas que nem mesmo isso tem em casa.

MANOEL DUQUE.

Noticias do dia

O conflito sino-japonez

Regulariza-se a situação entre a China e o Japão

JANTÃO. — A China resolveu declarar a guerra ao Japão, esclarecendo e regularizando deste modo a sua situação com a nação sua sinha. — (Especial).

Declaração do ministro do Japão

TOQUIO. — O ministro japonês declarou que apenas pretende exterminar os bandidos perigosos que infestam a China, mas que, dada a falta de tempo, resolveu por isso matar a torto e a direito, na certeza de que entre a população chinesa se encontram os bandidos.

A esquadra de guerra japonesa

XANGAI. — Em visita extra-official, chegou a este porto a esquadra japonesa, que saudou a terra com varios vinte e uns tiros. Sem querer, todos os tiros acertaram em cheio nos principais edificios de Xangai, contando-se por milhares os mortos e feridos. — (United Press).

A attitude do Japão

XANGAI. — O Japão pediu desculpa da impericia dos seus artilheiros de marinha que dirigiram as salvas para terra. A cidade é pasto das chamas. — (United Press).

A attitude da S. D. N.

GENEVA. — Em vista do Japão não cumprir o estatuto da S. D. N., a direcção desta agremiação vai propor em assembleia geral a expulsão desta nação do seu seio.

Esta attitude, que muito contribue para a solução do conflito, tem sido muito elogiada por todos. — (Caras).

O que diz o Japão

TOQUIO. — Em nota enviada á imprensa, o governo japonês lamentou o que se está passando, prometendo, logo que tudo se esclareça, voltar a invadir a China. — (Especial).

Não ha guerra

LONDRES. — Os telegramas da ultima hora dizem que, apesar do Japão continuar bombardeando a China, não é verdade haver guerra. — (Especial).

Pin-fi-fó comandante das forças

XANGAI. — Uma força de 36.000 generais chineses, comandada pelo soldado Pin-fi-fó, marcha sobre esta cidade, no sentido de reforçar a sforças de defesa. — (Especial).

Foi assinado o armistício

XANGAI. — Os generais chineses e japoneses assinaram um armistício, suspendendo assim os combates, que duraram cerca de 14 horas. No entanto, para que o entusiasmo não arrefecesse, as tropas continuaram fazendo fogo. — (United Press).

A attitude da Russia

KARBIN. — A Russia resolveu ficar alheia, não intervindo no conflito e proibindo a passagem de tropas japonesas pelo caminho de ferro oriental chinês. — (Especial).

Quereis dinheiro?

Jogal no

Lama

Rua de Amparo, 51 — LISBOA
Sempre sortes grandes

O salmonete

O doutor Serapião Lima e o major reformado Valente Barata davam-se realmente muito mal. E, quer a mesa do *restaurant* modesto onde se encontravam á hora das refeições, quer no gremio, onde se juntavam á hora das discussões, era vulgar azedarem-se os animos e acabar por haver grave conflito.

Bastas vezes os amigos intervinham, procurando pór termo áquelas tempestades em copos de agua, em que, por qualquer futildade, o doutor Serapião e o major Barata se insultavam mutuamente, ás vezes quasi sem saber porquê!

Se o major dizia que estava frio, o doutor batia as palmas a pedir uma cerveja bem gelada e garantia que Portugal era, infelizmente, dotado duma clima encantador. Se o doutor dizia que estava calor, o major espirrava significativamente, levantava, tremendo, a gola do sobretudo e pedia, quasi afflitivamente, "qualquer coisa quente!". Estavam assim, sempre em desacôrdo o doutor e o major, com grande satisfação dos frequentadores do *restaurant*, que viam nelles o "prato do dia" obrigatorio, o divertimento certo á hora das refeições.

Andavam admiradissimos todos os que com eles privavam. Ha muito tempo que o major e o doutor não discutiam publicamente para entretenimento dos seus amigos.

E a discussão veio ontem, inevitavel, á hora sagrada do jantar...

Já quasi todos tinham acabado de jantar quando entraram juntos, como dois bons amigos, o doutor e o major.

Começaram jantando tranquilamente, com evidente pasmus e desgosto de todos os assistentes. Chegou a altura do "prato de peixe" que figurava no menu, e o criado trouxe, grave e sereno, uma travessa contendo dois simpaticos salmonetes, belos de apparencia, mas que diferiam bastante no tamanho. E o nosso doutor, que, pelos vistos, comia mais depressa, agarrou-se ao maior, que transferiu meigamente para o seu prato, disposto a fazê-lo desaparecer. Carregaram-se, ameaçando tempestade, as sobranceiras espessas do major. E, numa furia que o facto de estar com a bôca cheia mal conseguia abafar, trovejou:

— O senhor é um mal-educado! O senhor não é digno de comer a pé de gente civilizada!

Muito naturalmente, sem que uma contracção lhe alterasse o rosto sereno, o doutor interrogou brandamente:

— Mas o que tem, meu caro major? O que lhe fiz eu?

— Pois o senhor — ripostou o major — agarra-se abusivamente ao salmonete maior, demonstrando uma absoluta falta de consideração, por mim, e ainda pergunta o que me fez?!

— Ora vejamos — interrogou, ainda calmo, o doutor Serapião Lima. — O que fariá o meu amigo, se fôsse o primeiro a servir-se?

— Tirava o mais pequeno, porque sou uma pessoa delicada! — trovejou o major Barata.

— Tirava o mais pequeno? Pois é exactamente o que eu lhe destinei! Afinal de que se queixa o senhor, meu caro major?

O major não respondeu. Vamos, porém, a vêr se, daqui a deante, discute menos vezes com o doutor Serapião...

DESSPORTOS

ARBITROS

Aplicar justiça parece ser a missão mais difficil de quantas existem á superficie da terra. *Julgar*, na Terra, na Lua ou no planeta *Marte*, é uma coisa delicadissima. Pelo menos, assim resa a ciencia da jurisprudencia... E não custa nada a acreditar.

Se assim acontece na vida social, não admira que na vida desportiva se dê o mesmo, revelando-se os mesmos caracteres, dada a identidade das missões a cumprir.

O arbitro do desporto, desde o *foot-ball* ao *box* e desde a *luta* ao *rugby*, é um ser sujeito a toda a casta de perigos (insultos e agressões) e desprovido do mais leve dos direitos.

Nega-se-lhe tudo! Nega-se-lhe o direito de responder aos insultos! Nega-se-lhe o direito de desafronta! E até se lhe nega o direito de vêr o seu trabalho remunerado! Em compensação, tudo se lhe exige!

Em parte, a culpa deste estado de coisas deve-se aos proprios arbitros, que não tem coragem de fazer valer os seus direitos, de cabeça levantada.

Isto leva-nos a afirmar que o arbitro é um animal — a palavra empregada sem ideia de offensa — que tem a volupia do insulto e da agressão.

O arbitro é, verdadeiramente, um infeliz. É criticado pelos jogadores, a quem tem de deixar de falar! É apreciado pelos criticos, em termos azedos, em homenagem á mania que os mesmos tem de dizer mal! É criticado pelos milhares de espectadores, que se julgam melhores arbitros do que o arbitro cujo trabalho estão a vêr!

E, para cumulo, ainda é criticado pelos proprios camaradas do *cpito*, que são aqueles que pior dizem, pela razão, que provada está, de que os officiais do mesmo officio são os piores inimigos.

A comunidade dos arbitros, desde o arbitro da bola ao do *box* e desde o arbitro da *luta* ao do *rugby*, está sob a influencia de mau signo. A celebre pitonisa Freya assim no-lo declarou, ha pouco tempo, em conversa amena.

As discussões de enroladas á volta das decisões dos arbitros podem contar-se por milhares.

Ainda ha pouco, no campeonato mundial de velocidade, em bicicleta, se levantou uma grande tempestade, em virtude do juiz de *chegada* ter designado como vencedor um corredor que o publico entendia ter cortado a meta em segundo lugar. Foi o diabo!

Outro caso. Em Lisboa, ha anos, num combate de *box* entre um portuguez e um belga, o juiz portuguez foi aquele que classificou mais desfavoravelmente o seu compatriota. Foi o diabo!

Tambem, numa reunião atletica do ano passado, um juiz de *partida* sofreu os mais asperos comentarios por o seu trabalho não contentar o publico. Foi o diabo!

Outro caso ainda. Ha tempos, num desafio de *water-polo*, o arbitro, em vestimenta de passeio, viu-se na necessidade de tomar um banho forçado. E a agua estava tão fria... Foi o diabo!

Se nos deslocarmos para os campos da bola, reconhecemos que a seriedade destes acontecimentos nunca mais termina. Se bem que não haja mal que sempre dure nem bem que nunca se acabe...

Na bola, desde os arbitros que tem sentido a dureza dos *lunchs* (pedregulhos embrulhados em papel de seda ás riscas), até áque's que tem sentido a docura e macieza do marmeleiro, ha de tudo.

Deve salientar-se o facto da disparidade da critica, na apreciação do papel do arbitro.

Um exemplo, o mais frisante possivel:

O *Diario de Lisboa* apreciou da maneira que segue a arbitragem do encontro *Carcavelinhos-Barreirense*, do campeonato official: — "A arbitragem de Tavares da Silva, desatenta, descuidada, parcialissima e até ignorante."

Por sua vez, o jornal *Republica*, a respeito do mesmo trabalho, emite a seguinte opiniao: — "Tavares da Silva arbitrou com atencao, com cuidado, com imparcialidade e até com sapiencia."

Qual dos dois criticos terá razão?

Se calhar, ambos a tem...

Pobres arbitros! Infelizes creaturas!

Pobres iluminados!

JONICA.

Versalhada

Bonecos de barro

Olho azul, cara morena,
Comprido, falinhas mansa...
Habita num quarto andaluz
E fica todo a pingar
De ternura e de meiguice
Quando cruza com creanças.

Bebe vinho —
Com agua do Alviela.
Usa boina e cachecol
E é frequente a gente vê-lo
Triste —
Olhando para o sol!

Nas horas vagas
Procura ser illustrado,
E lê o *Fire*, a *Imagem*
— Publicações duma cana,
Cop. tique civilizado.

Defesta o amor,
Contempla
Os longes á beira-mar,
E prefere andar á toa,
Como nauta que tem remos
E não sabe navegar.

As vezes vou encontrá-lo
Encostado a um candeeiro,
— Olho atraz, olho adiante...
Cheguei a supôr
Que era um coração amante
Ou um homem femieiro.

Mas não,
Ele é aquilo que a gente
Imagina e quer que seja,
Coça o sovaco — distrai-se
Como um bebê numa igreja.

E ri de tudo!
Caçoa
Das elegantes que passa
Pisando com galhardia.

Tenho inveja deste parvo
Por ter o que eu já não tenho:
— Mocidade e alegria.

LUIZ ILARIO.

Quadras

Sempre gostei de cantar
duma maneira diferente
as quadras que por ai andam
nas bôcas de toda a gente...

Se aquilo que a gente atura
pra escrever, tivesse voz,
a Comissão de Censura
teria pena de nós!

Liberdade! Liberdade!
Quem a tem? Não adivinhas?
Eu não tenho liberdade
nem pra escrever duas linhas!

Tenho o destino marcado
de gramar tantos mistericos
no lindo Terreiro do Paço
juncado de ministros...

Quem tem filhinhos pequenos,
por força lhe ha de cantar!
Quando a mãe não passa a vida
a janela, a falazar!

Escrevo um artigo e tu vens
com um lapis azul cortar-mo!
Valha-me nesta afflicção
Nossa Senhora do Carmo.

Tenho de me habituar
a cantar exactamente
as quadras que por ai andam
nas bôcas de toda a gente...

PATO MARRECO.



— Tire já essa mascara. O senhor não sabe que é proibido andar mascarado?
— Mas isto não é mascara, é a minha cara.
— Quem tem uma cara assim não vai á rua n'estes dias.

Sortes grandes ?
só o PINA se vende
76 - Rua de S. Paulo - 77

ECOS DA SEMANA

ENCHAM! ENCHAM BEM O BANDULHO DE CARNAVAL PORQUE AS VIDAS ESTAO CADA VEZ MAIS CURTAS MAJA EM VISTA AS DOS CHINAG



EM XANGAI AI COMO VAI O CARNAVAL ANIMADO... SIM, PORQUE A GUERRA NAO COMEÇOU AINDA... ISTO QUE AGUI VEM BAO SER PENTINAS E "CONFETTI"



CAROS AMIGOS DE LISBOA SE GUEREM SER AMIGUINHOS DEVERAS TOÇA A ACAPAR COM AS CAGAS DE LARANJA NOS PASSEIOS E A FAZER PRISAO DE VENTRE AOS PARDAS DO CAMOES... COSAM-LHES A CLOACA!!



TAMBEM OS MESMOS AMIGOS PODEM ACABAR COM O CHAFARIZ DOS "4 IRMAOS UNIDOS" DO ROCIO PORQUE OS TRANGEUNTES NAO SAO SARDINHA PARA... SALPICAR.



MADELEINE VALMALETE CUJOS BRAÇOS "BICEPOSOS" CONSEGUIRAM TRANSMITIR AS MÃOS UMA BELA INTERPRETAÇÃO TANTO AOS CONSERVADORES COMO AOS AVANÇADOS...



JA SE FAZEM TRAVESSIAS TELEFONICAS PARA O RIO DE JANEIRO MAS NAO CONVENM NADA SER GAGO PORQUE CADA CHAMADA SAO 928.50.



= ACHADOS ARQUEOLÓGICOS E "PARECEHAL" SNR. SMART ANDAR ASSIM A DEVASSAR OS COITOS DOS FRADES... COITADINHOS...



HIC FREIRA ANA MAIS LO FRADE JERONIMVS... É DE CÉTRA



A FINAL, EM ULTIMA HORA, SABE-SE QUE A CHINA AN... CONTINUA...